

O PRECONCEITO RACIAL, A CONSCIÊNCIA NEGRA E A ÉTICA DA SOLIDARIEDADE HUMANA

A) Botando a Mão na Consciência

Consciência negra ou consciência humana? Qual das duas denominações tem maior abrangência e expressa, de forma mais apropriada, significados para uma discussão sobre o tema acima proposto, que nos conduza na direção de um caminho de luta contra o preconceito racial. Diante desta reflexão que se originou entre um grupo de colegas professores do Centro de Ensino Médio 02, Ceilândia-DF, entre os quais eu, resolvi, por minha conta e risco, pegar esta onda e discutir o assunto como forma de contribuição sobre a temática.

A afirmação “consciência negra” é corriqueira no meio dos movimentos sociais de apoio à luta pela igualdade racial no Brasil. Também no currículo escolar em especial, quando, de forma mais específica e a partir do conteúdo do livro didático, nós debatemos sobre o assunto no ambiente escolar. No entanto, se há momentos em que ela ressurge como necessidade de afirmação, talvez seja pelo fato de que não tenhamos ainda nos apropriado e percebido o assunto como um conceito impregnado de significados, que verdadeiramente a definam como motriz inicial, geradora de uma ação em favor de transformações radicais e necessárias na estrutura da realidade social, política, econômica e cultural da sociedade brasileira, onde a população negra é maioria e sofre as dores da desigualdade e do preconceito.

Esse universo do preconceito racial, de exclusão do negro, no Brasil de hoje, é resultante de uma herança histórica escravagista, presente no sistema colonial que deu origem ao processo de colonização da América portuguesa, a partir 1532, e posteriormente, estendeu suas raízes escravocratas ao projeto de nação brasileira iniciado em 1822. O modelo econômico centrado na mão de obra escrava, foi mantido durante todo o período do Brasil Império. A lei Áurea, de 13 de maio de 1888, “que pôs fim a escravidão institucionalizada”, colocou as populações negras, antes escravizadas, agora, na condição de “sem casa e sem terra”, dando início assim, à saga da exclusão nas periferias e/ou à mendicância pelas ruas dos grandes centros urbanos; esse é o legado da escravatura. Portanto, o que vemos hoje é a expressão dessa realidade histórica de vários séculos, que se reproduz na dinâmica do racismo estrutural¹ em que vivemos.

¹Pt.m.Wikipédia.org - **Racismo Estrutural**: Concebe-se racismo estrutural, como sendo um conjunto de práticas históricas, culturais e interpessoais, que dentro de uma sociedade coloca um grupo social, étnico, em uma posição melhor e, ao mesmo tempo prejudica outros grupos, de modo consistente e constante, causando disparidade ao longo do tempo. A sociedade é estruturada de modo a excluir outros grupos da participação institucional e social. Por muito tempo imperceptível, leva essa forma de racismo a uma tamanha dificuldade de percepção, tendo em vista um conjunto de práticas, hábitos, situações e falas, que são enraizadas na cultura, promovendo a segregação e o preconceito racial. É um sistema no qual políticas públicas, práticas institucionais, funcionam de maneira a perpetuar desigualdades de grupos raciais, de modo a reforçar privilégios associados à “brancura,” e desvantagens associadas à “cor” para suportar e adaptar ao longo do tempo.

Significativo e relevante é verificar que o termo consciência tem como uma de suas definições a percepção de que, ela é a qualidade da mente. Sabedoria que possibilita, capacita o raciocínio para a interação entre si e um ambiente; é um tipo de relação entre o ser humano e uma realidade. Dito isso, avançamos na compreensão de que consciência negra nos coloca numa perspectiva de estar para além da consciência humana, mas sobretudo é a qualidade do pensar racionalmente sobre algo que é muito peculiar e específico. Consciência humana é uma particularidade do ser humano; consciência negra significa como cada indivíduo percebe, lê, interpreta e se coloca frente a uma situação, com vistas a discutir a questão racial no Brasil. Independentemente de ser negro, branco ou de qualquer outra cor de pele, implica em dar um significado, identificando suas origens históricas e o que ela tem a ver com a problemática em discussão no nosso cotidiano hoje.

No pampa sul riograndense, onde nasci e me criei, há uma expressão que acredito, caracteriza muito bem o ato de compreender uma determinada situação, que é, **“botar sentido”**² no que se apresenta a nossa frente, no que se vê a nossa volta. O que aconteceu ou está acontecendo. Significa, **“prestar atenção o bastante”** para entender uma determinada situação da realidade em que se está inserido, para dar a ela uma explicação, uma definição conceitual para aquilo que se botou sentido. Prestou atenção no acontecido, por isso entendeu e consegue explicar. Esse **“botar sentido”** pode ser visualizar ou escutar, ou os dois ao mesmo tempo; prestar atenção de tal forma a entender tudo sem qualquer sombra de dúvida.

B) O Preconceito Construído Desde a Base

É necessário e urgente, identificar na realidade brasileira atual, as condições de desigualdade em que vivem as populações negras dentro da estrutura social e econômica na qual se inserem. Nestes tempos de pandemia, de fanatismo político e religioso, movido pela indiferença daqueles que governam e que teriam, por responsabilidade do caráter público a eles atribuído, propor políticas públicas de transformação da realidade desigual, o que temos visto é o contrário. Cabe aqui afirmar que o contrário do amor pode não ser somente o ódio declarado, expresso de forma verbalizada, escrita ou a violência física, mas a indiferença, que se expressa de forma consciente ou inconsciente, caracterizando assim o desprezo pelo que tem de humano envolvido na questão. É exatamente dos governantes da atualidade, que vem o incentivo ao racismo, aos preconceitos e a outras mazelas da nossa sociedade, legitimando aquilo que já está impregnado no tecido social da sociedade brasileira, gerando mais preconceito e aumento da violência contra os negros.

Cabe aqui lembrar os diversos ataques sofrido nos últimos anos, de discursos de ódio, de violência física e depredação de patrimônio, a lideranças, propriedades e locais de culto do candomblé e umbanda. Muitos desses ataques incentivados por grupos religiosos ligados a setores ditos cristãos. Aí há um componente duplo de preconceito, racial e religioso, cultural. Lideranças

² www.dicio.com.br > Botar- Dicio, dicionário online de português. **Botar:** Conceder características a; atribuir algo a alguém; uma hiper visão da realidade.

públicas têm aguçado o sentimento racista, preconceituoso e violento, de significativa parcela do povo brasileiro, dando assim péssimos exemplos de como não se deve proceder, e assim o preconceito racial adquire e expressa contornos de cinismo, de indiferença e de negação diante da nossa cultura racista estruturada.

Urge a necessidade de não somente compreender, mas sobretudo, apontar de forma contundente um caminho novo no sentido contrário daquele que segue nossa história. A afirmação feita por Nelson Mandela, de que, ***“ninguém nasce odiando ninguém por causa da sua religião ou da sua cor; mas se odiamos é porque aprendemos a odiar, então sendo assim também podemos aprender a amar.”***, é reveladora e educadora no sentido de que nos aponta uma possibilidade nova, além da tradicionalmente aceita. O preconceito racial não é inato, inerente ao indivíduo, ou seja, ninguém nasce racista, mas uma questão de educação, aprendemos; se aprendemos a prática racista, podemos desconstruir essa através do aprendizado da educação. Nesse caso, parece ser necessário apontar de que lado estamos. Andar na contramão da história, em caminho oposto ao que anda a realidade se faz urgente e necessário, por uma questão de opção pela ética da solidariedade humana, na construção de uma nova cultura nas relações raciais.

Do outro lado, existe uma história de país que foi construído ao longo de séculos pelo preconceito racial, alicerçado e demonstrado na escravidão dos negros. Hoje existem aqueles que defendem a continuidade dessa realidade de forma consciente do que fazem. Ou aqueles que se omitem frente a ela sendo indiferentes; e há ainda um terceiro grupo que, de forma quase imperceptível, colocam-se em uma atitude racista, repetindo conceitos e práticas arraigadas em nossos hábitos e atitudes, reforçando aquilo que foi se reproduzindo como uma prática nefasta, perversa, abominável ao longo da nossa história. Vemos nesse racismo estruturado, enraizado na nossa cultura, um sistema de privilégios para aqueles que o negam, como sendo a negação da condição humana de cidadania, de igualdade, direcionando a percepção da sociedade para uma atitude de indiferença diante do que acontece, dando a prática do racismo uma feição de naturalidade e de normalidade. Culturalmente mascarado e aceito, reforça o mito da igualdade racial ou da democracia racial, demonstrando aí algo que me parece ser o lado sombrio e tenebroso da ideologia racista.

Na filosofia existencialista de Jean Paul Sartre, pensador francês do século XX, ***“a existência precede a essência”***. O ser humano, na visão de Sartre, é dono e construtor do seu próprio caminho, da sua vida. Ele existe, descobre-se no mundo e depois constrói seu próprio projeto. Muito embora Sartre seja um ateu declarado, seu pensar existencialista acaba por questionar aquilo que é popularmente entendido dentro do universo religioso de várias crenças há séculos, inclusive o cristianismo, de que cada um vem ao mundo com um destino. Essa percepção do humano como resultado do destino foi e continua sendo uma trágica percepção da vida e da realidade, pois legítima, diante da sociedade, também pelo próprio indivíduo, sua condição de opressor ou de oprimido. Isso é perverso e uma ideologia a ser combatida. É essa aberração teológica, filosófica e ideológica que precisamos combater, afirmando que a única condição de condenação de qualquer ser humano é a de nascer livre, viver livre e morrer livre. Esse sim, acreditamos ser o destino de todo e qualquer ser humano. O ser humano está condenado a ser livre, diz Sartre. Posso ter meu corpo rodeado de grades por todos os lados, mesmo assim, se eu desejar minha consciência, minha vontade será livre.

Há, nesse simulacro de visão de mundo e de ser humano, um racismo estruturado, de aparente naturalidade e normalidade da realidade social, política, econômica e cultural, que envolve negros e brancos. Há um elemento de reforço à condição de normalidade, que é o elemento ideológico e esconde sua face cruel; se expressando pela negação do mesmo, de que “eu não sou racista e no Brasil não há racismo.”. E assim nós vamos tocando o barco, escancarando nossa indiferença diante de nós mesmos, **“sem botar sentido”** no que acontece diante dos nossos olhos. Doença social que se reproduz e se reforça há séculos como herança estrutural que está na base sócio econômica que construiu nossas origens como nação. Advinda de três séculos e meio de escravidão dos negros, institucionalizada, legalizada, nossa indiferença, mesmo depois de mais de um século do final deste sistema escravagista, nos leva a crer não haver sistema racista em prática no país.

O racismo por si só é perverso, abominável e, no caso brasileiro, é camuflado por uma cultura do cinismo, que esconde e mascara a realidade, ideologicamente falando, reforçando o mito de que somos um país de mistura de raças e vivemos em perfeita harmonia e igualdade racial. Mistura de raças, talvez; harmonia e igualdade racial, não!

Gestado desde a base social, econômica e política que construiu nossa história como nação ao longo do tempo, o racismo estrutural tem a marca da infâmia da desigualdade racial e econômica expressa na escravidão como instituição, caracterizando a tragédia que significou, e o que é todo e qualquer sistema de escravidão. Tendo suas raízes históricas fincadas no sistema colonial escravagista português que aqui se instalou e se sustentava no tripé: * monocultura da cana de açúcar; (no caso da Província do Rio Grande do Sul, na pecuária de corte.) * Do latifúndio e do trabalho escravo. Imposto pela violência desde a captura dos negros no continente africano, transformados em escravos. Esses seres humanos foram coisificados como mercadorias, que se comprava e se vendia, a que se dá um preço, um valor econômico.

Assim é essa prática do escravismo. Legitimada e sustentada pela filosofia clássica da antiguidade, em especial no pensamento de Aristóteles, e pela teologia cristã. Reflexo da trágica aliança entre igreja e o estado, também do poder que adquiriu a Igreja cristã após e derrocada do Império romano, era esse cristianismo a crença dos colonizadores. Não só no caso do sistema colonial imposto na América, mas em qualquer outra parte do mundo onde a escravidão dos negros existiu. Defendido e praticado também por outras tradições cristãs, não sendo prática exclusiva desta ou daquela igreja cristã. Toda essa legitimação filosófica e teológica que coisificou o negro como mercadoria e retirou do negro sua condição de ser humano, impregnou-se de forma avassaladora no tecido social da nação brasileira e se construiu ao longo dos séculos, adquiriu significado de normalidade, como já mencionamos anteriormente, o que me aparece um elemento crucial no combate ao racismo hoje. Quando se legitima e justifica-se o trágico da perversidade humana da escravidão, dando a ela ares de naturalidade e normalidade, isso demonstra toda nossa capacidade de banalização da vida humana e toda a nossa indiferença.

É também nisto que entendemos, residir a problemática de combate ao racismo estruturado que no Brasil de hoje experimentamos. Ele está na base da estrutura econômica que construiu o Brasil e isso faz do racismo um sistema escondido, disfarçado, mas sobremaneira, reforçado, legitimado pela filosofia e teologia cristã. Quando ouvimos afirmações do tipo, “ele é um negro de alma branca” ou de que os antepassados de alguém foram escravos, inverso de

“foram escravizados”, essa visão de normalidade e indiferença fica muito evidente. A visão de Aristóteles sobre a escravidão é de que ela **“é natural e que os escravos estão nessa condição por natureza.”** Segundo ele, uns nascem para comandar e outros para obedecer, portanto, um escravo é aquele que **“pertence por natureza não a si mesmo, mas a outra pessoa”**. Para Aristóteles, a diferença entre um escravo e um objeto, uma coisa qualquer, está apenas no fato de que o escravo é uma coisa, um objeto animado, que se move por conta própria, portanto todas as outras coisas são objetos inanimados, ou seja, precisam de alguém para se moverem de um lugar para outro. Por isso ambos estão na condição de mercadorias.

A visão da teologia cristã, através de São Tomás de Aquino, encaminha a discussão de legitimação da escravidão como sendo uma questão de razão de utilidade. Segundo ele, **“é útil ao escravo ser governado por um homem prudente e para o senhor de escravos é útil e conveniente ser ajudado por um escravo”**. Aqui nesta afirmação fica evidenciado que, se é útil e conveniente ao senhor de escravos, também é necessário. Se é necessário, é útil e conveniente. Vejamos a perversidade da lógica. Queremos destacar que esta visão encontra ecos no passado desse pensamento do mundo antigo, tanto filosófico como teológico. A referência filosófica para o teólogo São Tomás de Aquino, sem dúvida nenhuma é o pensamento de Aristóteles, não só nesse aspecto, mas em muitas de suas postulações teológicas.

A questão do racismo requer uma discussão a partir de uma atitude que nasça da ética da solidariedade humana, independentemente de qualquer cor de pele que se tenha, pois isso implica em uma mudança de percepção do que vemos e que acreditamos ser. A crença e prática racista no Brasil está fundamentada no princípio da naturalidade da realidade. Existe na base desta construção do pensamento racista, elementos de crença filosófica, religiosa, e de superioridade racial, que legitimou essa prática ao longo de séculos. É essa a desconstrução que precisamos fazer. Ele rouba do ser negro sua natureza de humanidade, retirando dele sua condição de existência e o coloca na condição de essência. Ou seja, o negro por ser negro está condenado a viver em condições de desigualdade e inferioridade em relação ao branco. E o que norteia essa ideia é, fazer a sociedade também acreditar no princípio da naturalidade das coisas, visando aparentar que sempre foi assim. Portanto, desigualdade, injustiça, preconceito racial seriam preceitos normais, e que existem seres humanos, nesse caso, os negros, estariam condenados à condição de inferioridade, uma vez que nada pode ser diferente. E assim nos acostumamos a ver dessa forma a realidade do racismo entre nós, como resultado acaso e da dita normalidade.

C) O Enfrentamento da Realidade e o Novo Referencial Ético

Sobre o racismo presente desde a origem nas bases que construíram as estruturas da nação brasileira, entendemos que qualquer discussão sobre o tema deva passar por uma análise crítica, sociológica, filosófica, com fundamentação histórica, que nos ajudem a formular novos pressupostos de mudanças estruturais. Quais implicações e prerrogativas entendemos como importantes e necessárias, que teremos de levar em conta nessa discussão sobre o racismo existente no Brasil de hoje. Portanto, a centralidade dessa discussão deve ter como eixo central desta, um refundar em novas bases, novos princípios. A ética tem vários componentes, significados de sustentação desta, aspectos que podemos denominar como sendo os pilares e, que pressupomos serem a base para esta nova construção. Terezinha Azerêdo Rios, doutora em

educação pela USP, aponta, três princípios para uma ação de significado ético. Diz ela: **“o respeito, a justiça e a solidariedade são princípios da ética, onde, se podemos identificá-las nas ações, na certa somos levados a aprová-las.”**. Estes seriam, no nosso entendimento os três pilares principais. Por terem abrangência de significados, expressam outros conceitos ressignificados dentro de si, em cada uma das três conceituações. Queremos aqui tratar de ética e estabelecer uma diferenciação dela com a moral, pois, esses dois conceitos às vezes aparecem como sendo a mesma coisa, apresentadas como sinônimos, que na minha avaliação, demonstra um equívoco nesta conceituação.

A ética, por si mesma, expressa relações, convívio; tem sempre o outro como referência, por isso solidariedade, justiça e respeito assumem e abrangem significados diversos nas relações éticas em sociedade. Parece ser redundante afirmar “relações éticas em sociedade”, mas, entendo e pretendo com isso demarcar a diferença. Esses três conceitos acima elencados são a negação do egoísmo como critério de convivência humana em sociedade, considerando que toda e qualquer relação em sociedade, seja em que nível, tamanho ou abrangência for, é uma relação de poder.

A ética não nega o indivíduo, mas partindo dele, afirma sua existência deste sempre em um contexto social, demonstrando o ser humano como um ser político que está sempre estabelecendo relações, redes de poder. Ela não é uma abstração teórica da realidade, não é subjetiva. É, ao mesmo tempo, consideração pela vida em sociedade, porém que não seja desrespeito à individualidade dos outros. Eu diria que sua razão de ser, é existir como atitude, expressando na sua aplicação prática a busca pela equidade nas relações de poder. Diz o professor Francisco Porfírio: **“Ela é um comportamento individual refletido em uma aplicação geral.”**

Voltemos para aquilo que afirmamos acerca do que nomeamos anteriormente como sendo os seus pilares principais de sustentação: o respeito, a justiça e a solidariedade. Toda e qualquer relação humana (relações de poder) que careça de, pelo menos um, destes pilares, principais, terá o seu intento comprometido e seremos levados à perda da dimensão do outro, e, por conseguinte o afastamento do comportamento ético. É nisso exatamente que a ética e a moral se diferenciam, pois esta, tende a ser a negação do individualismo, afirmando, as relações de convívio humano, de sociabilidade, de significados e valores fundamentais para educar a vida em sociedade. Educação é socialização do indivíduo. Por isso a importância da escola como um local de descoberta e apropriação do conhecimento, mas sobretudo de aprendizado no convívio com o outro. Podemos dizer que ética é um tipo de conhecimento adquirido também no ambiente escolar. Ninguém nasce sabedor de ética, mas é descoberta e aprendido que se constrói nas relações humanas advindas do convívio em sociedade.

Já destacamos nesta reflexão, anteriormente, o papel negativo de legitimação que tiveram a religião e a filosofia, para com o sistema escravagista, demonstrando suas implicações de significados alienantes e justificadores da dominação, da opressão desde a antiguidade e da tragédia que foi a escravidão sob todos os pontos de vistas que pudéssemos pensar, em todas as épocas. As teses de justificação para tornar um ser humano escravo de outro, seja da religião, seja da filosofia, ou da superioridade racial, propiciam mal estar a qualquer estômago em bom funcionamento. Para usar uma linguagem do meio em que transito, o da teologia, a escravidão é algo diabólico sob qualquer ponto de vista (*diabólico aqui entendido simbolicamente como representação do mal*). Em âmbito geral diríamos: a escravidão é uma prática inescrupulosa,

nojenta, abominável, carente de respeito pelo humano. Não pode haver explicação nenhuma que se seja capaz de justificar a prática da escravidão.

Se no passado a teologia cristã e a filosofia legitimaram e justificavam sistemas de escravidão, ainda hoje, sistemas religiosos e políticos, levam o indivíduo para a alienação, estabelecendo oposição entre o mundo material e espiritual e retirando do ser humano a capacidade de ver as relações humanas em sociedade sob o crivo de uma análise crítica. **Essa me parece ser uma das grandes tragédias da religião:** retirar do ser humano o raciocínio crítico, conduzindo mentes humanas ao fanatismo, jogando sua racionalidade na cegueira, em que algumas lideranças políticas e/ou religiosas, acabam se transformando em crença. *Toda e qualquer forma de fanatismo, seja de cunho religioso, político, ou de qualquer outra espécie, revela uma boa dose de burrice e ignorância, tanto de quem comanda, como de seus comandados, pois, alguém que se deixa conduzir à condição de fanático, já perdeu a sua capacidade de pensar livremente.*

A dimensão do que ele entende como sagrado é percebida apenas no sentido da verticalidade. Passa a viver sua experiência religiosa na perspectiva de afirmar o moralismo e o individualismo, bem como desenvolve sentimento de obediência cega para com lideranças que passam a pensar por ele, a ponto de não perceber mais sua condição de ser social, sem denotar as implicações éticas da fé e do sagrado na vida e nas relações humanas. A religião tem sido um veículo trágico de eliminação do pensar ético, crítico e dialético; isto é nítido, e é lamentável que seja assim. Lembramos aqui as palavras do grande teólogo, psicanalista e pedagogo Rubem Alves, quando ele afirma: *“Deus nos deu asas do pensamento para voar, mas os seres humanos inventaram as gaiolas da religião.”*

A prática da escravidão se fundamentava na ideia de que não existia para o negro a definição de humanidade em sua natureza. Para alguns setores do cristianismo, religião oficial dos colonizadores o negro nem alma tinha. Retira-se, com isso, a possibilidade de igualdade e o coloca como coisa, que se compra e se vende, sendo mais um objeto dos tantos que existiam, ou seja, de mercadoria. Comprado por quase nada e vendido valendo muito; o lucro que pudesse proporcionar como escravo era o seu valor. Retirar do outro a sua condição de ser humano e torná-lo escravo só me parece ser possível quando eu, praticante desse ato, atinjo o meu mais alto grau de afastamento de minha condição de humanidade.

É a isto que precisamos **“botar sentido”**, prestar atenção, para compreender, entender, na desconstrução do racismo, na busca de uma nova estrutura, de uma nova realidade. Precisamos construir novos valores éticos de referência, que tenhamos como pressupostos a solidariedade, a justiça e o respeito. Esta construção deverá ser resultado da união de seres humanos de todas as cores, independentemente de sua crença religiosa, de sua orientação sexual, de sua etnia, ou qualquer outra diferença. Nesse esforço coletivo deve prevalecer a compreensão da solidariedade humana, que acolhe os diferentes, como algo que soma, multiplica, que aproxima e não como algo que divide e afasta a possibilidade do convívio. A consciência negra deverá ser consciência de homens e mulheres na sua condição de humanidade, num esforço de transformação, a partir do debate, diálogo com os diferentes construído pelo respeito, de leitura, de produção cultural diversa, produção literária, de denúncia contra toda e qualquer forma de preconceito e discriminação, tenha ela a motivação que tiver. O grande Teólogo Leonardo Boff, em seu livro denominado, a águia e a galinha – uma metáfora da condição humana, afirma: *“Em grego, Ethos-*

ética, designa a morada humana. A morada humana da ética não é algo pronto e construído de uma só vez. Ético significa, portanto, tudo aquilo que ajuda tornar melhor o ambiente para que seja uma moradia saudável.”.

O preconceito racial no Brasil de nossos dias, foi gerado, parido, e cresceu tendo suas bases construídas dentro da história da escravidão. Somente um esforço a partir da ética da solidariedade humana nos conduzirá a um novo conceito de humanidade, em que justiça e respeito fundamentem as relações raciais. É necessário uma atitude ética que seja capaz de condenar a escravidão e tudo o que ela significou e significa, como sendo algo repugnante, perverso e abominável. A geografia da história humana tem suas raízes na África! Nesse entendimento somos todos africanos. Esta percepção de negritude deve ser nossa consciência histórica.

Autor: Aubri Ecotem, sacerdote da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil e historiador; professor da rede pública de ensino do DF.